



## SÍNTESE DE NOTÍCIAS N° 0203/2025

**EMBAIXADA DA REPÚBLICA DE ANGOLA NO REINO DA ARÁBIA SAUDITA  
RIADE, 29/07/2025**

**[Cúpula de paz saudita-francesa sinaliza crescente consenso internacional para o Estado palestino](#)**



No centro da primeira fila, o secretário-geral da ONU, Antonio Guterres, o co-presidente da conferência, o ministro das Relações Exteriores do Reino da Arábia Saudita, Faisal bin Farhan Al-Saud, e o co-presidente da conferência, o ministro das Relações Exteriores da França, Jean-Noel Barrot (à frente, 5R), posam para uma foto de grupo com ministros de alto nível durante a conferência das Nações Unidas sobre uma solução de dois Estados para Israel e os palestinos, na sede da ONU em 28 de julho. 2025, na cidade de Nova York.

O primeiro dia da Conferência Internacional de Alto Nível para a Solução Pacífica da Questão da Palestina enviou uma mensagem unificada: o caminho para o Estado palestino está tomando forma, com actores internacionais trabalhando para traçar o que o ministro das Relações Exteriores da França descreveu como um "caminho político irreversível" para uma solução de dois Estados. Co-organizado pelo Reino da Arábia Saudita e pela França na ONU de 28 a 30 de julho, a conferência busca reviver o ímpeto global em torno do reconhecimento palestino – ímpeto que diminuiu em meio à campanha militar de Israel em Gaza desencadeada pelos ataques liderados pelo Hamas em 7 de outubro de 2023. "Este é um estágio histórico que reflecte o crescente consenso internacional", disse ontem o ministro das Relações Exteriores saudita, Príncipe Faisal bin Farhan, a um salão quase lotado, acrescentando que o encontro visa mudar a atmosfera internacional decisivamente em direcção a uma solução de dois Estados.



**Os participantes ficam de pé durante um momento de silêncio durante uma reunião ministerial de alto nível durante a conferência das Nações Unidas sobre uma solução de dois Estados para Israel e os palestinos, na sede da ONU em 28 de julho de 2025, na cidade de Nova York.**

"Esta não é simplesmente uma posição política. Em vez disso, esta é uma crença profundamente arraigada de que um Estado palestino independente é a verdadeira chave para a paz", que ele disse ter imaginado na forma da Iniciativa de Paz Árabe, apresentado pelo Reino da Arábia Saudita e adoptada pela Liga Árabe em Beirute em 2002. A conferência ocorre dias depois que o presidente francês, Emmanuel Macron, prometeu reconhecer oficialmente o Estado da Palestina na Assembleia Geral da ONU em setembro - um movimento que tornaria a França o primeiro país do G7 a fazê-lo.

Os EUA, no entanto, se recusaram a participar, dizendo em um memorando que a reunião era "contraproducente para os esforços contínuos de salvar vidas para acabar com a guerra em Gaza e libertar reféns". Washington acrescentou que se opõe a "quaisquer medidas que reconheçam unilateralmente um Estado palestino conjectural", argumentando que tais medidas introduzem "obstáculos legais e políticos significativos" para resolver o conflito. Israel, que enfrenta crescente pressão internacional sobre a crise humanitária em Gaza - onde a ONU diz que a fome está tomando conta - também boicotou a reunião.



**Naeema, uma mãe palestina de 30 anos, senta-se com seu filho desnutrido de 2 anos, Yazan, em sua casa danificada no campo de refugiados de Al-Shati, a oeste da Cidade de Gaza, em 23 de julho de 2025.**

O ministro das Relações Exteriores da França, Jean-Noel Barrot, disse que a ampla participação na conferência provou "o consenso e a mobilização da comunidade internacional em torno do apelo pelo fim da guerra em Gaza". Ele pediu aos participantes que vissem o encontro como "um ponto de virada - uma conjuntura transformacional para implementar a solução de dois Estados". "Iniciamos um impulso sem precedentes e imparável para uma solução política no Médio Oriente, que já está começando a dar frutos", disse Barrot, citando passos tangíveis como "reconhecimento da Palestina, normalização e integração regional de Israel, reforma da governança

palestina e o desarmamento do Hamas". Enquanto o Plano de Partilha da ONU de 1947 originalmente propunha separar os estados judeus e árabes, o governo de extrema-direita de Israel continua a rejeitar qualquer forma de Estado palestino, defendendo a anexação permanente de terras e, em alguns casos, a expulsão de residentes palestinos. "Esta conferência não promove uma solução, mas aprofunda a ilusão", disse ontem Danny Danon, embaixador israelense na ONU, acusando os organizadores de estarem "desconectados da realidade" ao priorizar a soberania palestina sobre a libertação de reféns e o desmantelamento do Hamas.



**Palestinos inspecionam o local atingido por um bombardeio israelense em Muwasi, Khan Younis, Faixa de Gaza, segunda-feira, 28 de julho de 2025.**

O futuro do Hamas e da violência dos colonos israelenses dominou as discussões no primeiro dia e deve permanecer um foco durante toda a conferência.

Juan Manuel Santos, ex-presidente colombiano e ganhador do Prêmio Nobel da Paz, disse na conferência que o actual governo israelense está "buscando um grande Israel por meio da destruição de Gaza, expansão ilegal de assentamentos e anexação da Cisjordânia ocupada e Jerusalém Oriental". Ele pediu às nações que reconheçam o Estado da Palestina, dizendo que isso enviaria uma mensagem clara de que a "agenda expansionista de Israel nunca será aceita e não serve aos seus verdadeiros interesses".



**O ministro das Relações Exteriores do Reino da Arábia Saudita, Faisal bin Farhan Al-Saud (centro), fala durante uma reunião ministerial de alto nível durante a conferência das Nações Unidas sobre uma solução de dois Estados para Israel e os palestinos, na sede da ONU em 28 de julho de 2025, na cidade de Nova York.**

Intervindo na questão, o primeiro-ministro palestino, Mohammad Mustafa, descreveu Gaza como a "manifestação mais recente e brutal" da crise. "A ideia de que a paz pode vir através da destruição ou subjugação de nosso povo é uma ilusão mortal", disse ele, argumentando que o povo palestino - e não o Hamas - "demonstrou um compromisso férreo com a paz diante da violência brutal". Israel defendeu suas ações como essenciais para a segurança nacional e sinalizou sua intenção de manter o controle militar sobre Gaza e a Cisjordânia após a guerra. Mas, ontem, vários oradores insistiram que a

verdadeira segurança não pode existir sem paz. "Assim como não pode haver paz sem segurança, não pode haver segurança sem paz", disse a representante italiana Maria Tripodi.



**Os enlutados oram sobre o corpo de Soad Qeshtah, que morreu ontem, horas depois de nascer por cesariana de emergência de sua mãe, Soad al-Shaer, grávida de sete meses, morta em um ataque aéreo israelense durante a noite em Khan Younis, na Faixa de Gaza, 28 de julho de 2025.**

Os participantes propuseram a construção de uma estrutura de segurança regional inclusiva modelada após a OSCE ou a ASEAN, focada em negociações e políticas, em vez de controle militar. O representante do Qatar enfatizou que, embora um cessar-fogo e o aumento do fluxo de ajuda humanitária continuem sendo os objectivos imediatos, a paz duradoura requer uma solução de dois Estados, combatendo as causas profundas, protegendo a imprensa independente e combatendo o discurso de ódio.

O ministro das Relações Exteriores do Egito, Badr Abdelatty, disse que o Cairo "intensificou os esforços" para acabar com a guerra, retomar a ajuda e fornecer treinamento de segurança às forças que poderiam ajudar a criar as condições para um Estado palestino viável. A crise humanitária em Gaza pairou sobre as discussões. Com os sistemas de saúde e alimentação do território em estado de colapso, a ONU alertou que a fome já está se desenrolando em partes do enclave, onde centenas de milhares permanecem presos.



**Um tanque israelense entra em Israel vindo de Gaza, 28 de julho de 2025.**

Apesar da crescente pressão internacional, Israel manteve um controle rígido sobre o acesso terrestre e os comboios de ajuda, aumentando a permissão de comboios humanitários que entram no enclave no passado domingo - esforços que os grupos humanitários dizem ser insuficientes, erráticos e perigosos.

Ahmed Aboul Gheit, secretário-geral da Liga Árabe, alertou que "um novo Médio Oriente nunca emergirá do sofrimento dos palestinos". A paz, disse ele, não virá por meio de "fome, deportação ou supressão total" e não pode existir enquanto a ocupação e o apartheid persistirem.

O Príncipe Zeid Ra'ad Al-Hussein, ex-alto comissário da ONU para os direitos humanos, pediu à comunidade internacional que defina um plano claro e pragmático para uma Palestina nova e independente. "Uma visão não é para a auditoria emocional de hoje", disse ele, mas para um novo amanhã para Israel e Palestina. É por isso que "uma solução de dois estados teria que ser prática para obter apoio" e "a imprecisão total sobre o jogo final não é estratégica; é perigoso."



Uma menina palestina deslocada reage ao receber sopa de lentilha em um ponto de distribuição de alimentos na Cidade de Gaza, no norte da Faixa de Gaza, em 25 de julho de 2025.

Ele defendeu um "arranjo de segurança habilmente projectado e ancorado regionalmente para evitar a revogação unilateral como um primeiro passo transitório urgente", além de uma missão de reconstrução e reabilitação com mandato internacional. Dirigindo-se aos delegados, o secretário-geral da ONU, Antonio Guterres, disse que o conflito atingiu um "ponto de ruptura" e pediu uma mudança da retórica para a acção concreta. Nada justifica "a obliteração de Gaza que se desenrolou diante dos olhos do mundo", disse ele, listando a expansão ilegal dos assentamentos, a violência dos colonos, o deslocamento em massa e a unidade de anexação como elementos de uma "realidade sistêmica que desmantela os blocos de construção da paz".



O sol se põe sobre o norte de Gaza, 28 de julho de 2025.

Ele pediu o fim imediato das acções unilaterais que minam uma solução de dois Estados e reafirmou a visão da ONU de dois Estados soberanos e democráticos vivendo lado a lado em paz, com base nas fronteiras anteriores a 1967 e com Jerusalém como capital compartilhada. "Esta continua sendo a única estrutura enraizada no direito internacional, endossada por esta Assembleia e apoiada pela comunidade internacional", disse ele. "É o único caminho confiável para uma paz justa e duradoura entre israelenses e palestinos. E é a condição sine qua non para a paz em todo o Médio Oriente." **Fonte-Reuters.**

## **Solução de dois Estados é 'único caminho para a justiça' na Palestina, diz enviada saudita nos EUA**



**Princesa Reema bint Bandar, embaixadora do Reino saudita nos EUA.**

A embaixadora do Reino da Arábia Saudita nos Estados Unidos disse hoje que a solução de dois Estados para a crise Palestina-Israel continua sendo o "único caminho para a justiça, segurança e estabilidade", enquanto o Reino e a França lideram uma importante conferência da ONU sobre a situação.

A Princesa Reema bint Bandar escreveu no X: "O sofrimento em Gaza, o desespero na Cisjordânia e a insegurança em Israel exigem uma nova realidade". Ela disse que o Reino há muito apoia uma solução de dois Estados como o único caminho viável para uma paz duradoura. "Esta não é apenas uma posição diplomática; é uma necessidade moral, estratégica e prática fundamentada na justiça e na busca de um futuro compartilhado", escreveu ela.

O Reino da Arábia Saudita e a França lideraram desde ontem uma conferência internacional de alto nível sobre a solução pacífica da questão palestina e a implementação da solução de dois Estados na ONU.

A Princesa Reema declarou: "A solução de dois Estados é essencial porque aborda as causas profundas do conflito: a negação da autodeterminação palestina e a insegurança que alimenta o extremismo de ambos os lados". "O Reino da Arábia Saudita defende uma resolução pacífica há décadas, conhecida como Iniciativa de Paz Árabe, com base na convicção de que a paz na região é inseparável da justiça para os palestinos." Israel vem realizando um ataque militar devastador na Faixa de Gaza desde 7 de outubro de 2023. Isso ocorreu depois que o Hamas atacou assentamentos perto da fronteira com Gaza, resultando na morte de 1.200 pessoas e cerca de 250 reféns sendo levados de volta ao enclave pelo grupo.

O regime israelense posteriormente matou mais de 60.000 pessoas e deslocou milhões, com Tel Aviv enfrentando acusações de crimes de guerra e genocídio. Israel bloqueou a ajuda a Gaza por 11 semanas no início deste ano e tem matado civis famintos que procuram comida em centros de ajuda administrados por uma fundação apoiada por

Israel. Veículos da ONU começaram a reentrar no território no fim de semana e os lançamentos de ajuda também foram reiniciados, após protestos internacionais sobre a fome deliberada de Israel da população civil em Gaza. "O custo humanitário é impressionante: 1,9 milhão de palestinos estão deslocados e a fome se aproxima à medida que a ajuda chega. Uma solução de dois Estados é a única estrutura que pode acabar com o derramamento de sangue, reconstruir Gaza e criar um futuro sustentável", escreveu a Princesa Reema. "A guerra em Gaza e os conflitos mais amplos na região ressaltam a urgência deste momento." **Fonte-Reuters.**

## **Ministro do Interior saudita conversa com homólogo francês para reforçar segurança e combater crime**



O ministro do Interior saudita, Príncipe Abdulaziz bin Saud bin Naif, e seu homólogo francês, Bruno Retailleau, em Paris.

O ministro do Interior saudita, Príncipe Abdulaziz bin Saud bin Naif, discutiu ontem maneiras de melhorar a cooperação de segurança com seu homólogo francês, Bruno Retailleau, durante conversas em Paris.

Os dois ministros discutiram os esforços de segurança destinados a combater o crime, rastrear os perpetradores, enfrentar as redes de contrabando de drogas e lavagem de dinheiro e trocar conhecimentos de segurança. Eles assinaram um documento executivo delineando a futura cooperação de segurança entre Riade e Paris.

O Príncipe Abdulaziz destacou as conquistas feitas ao longo dos anos entre o Ministério do Interior do Reino da Arábia Saudita e seu homólogo francês no campo da segurança, enfatizando os fortes laços do Reino com a França.

Na arena diplomática, os dois países estão co-presidindo uma conferência de alto nível da ONU de três dias nesta semana para promover a solução de dois Estados para israelenses e palestinos, com o objectivo de resolver o conflito de décadas que afetou o Oriente Médio.

Vários altos funcionários e assessores do Ministério do Interior saudita participaram ontem na reunião ao lado de seus colegas franceses e do embaixador saudita na França, Fahd bin Mayouf Al-Ruwaili. **Fonte-Reuters.**

## Mimistro saudita pede apoio global à estabilidade da Somália em reunião da OIC em Doha



O vice-ministro das Relações Exteriores, Waleed Elkhereiji, participou na reunião do Grupo de Contacto da OIC para a Somália.

O vice-ministro das Relações Exteriores, Waleed Elkhereiji, participou ontem na reunião do Grupo de Contacto da Organização de Cooperação Islâmica para a Somália, realizada em Doha, Qatar.

Elkhereiji enfatizou a necessidade de mobilizar maior apoio internacional para a segurança, desenvolvimento e estabilidade da Somália, informou a Agência de Imprensa Saudita. Ele destacou a importância de projectos de infraestrutura e produção de longo prazo alinhados com as prioridades do governo somali, incluindo o desenvolvimento de recursos naturais recém-descobertos.

Ele disse: "O Reino continua a fornecer ajuda humanitária e de socorro por meio do KSrelief, reflectindo seu compromisso de apoiar o povo somali e promover os esforços de socorro e desenvolvimento que promovam a estabilidade e reduzam o sofrimento humano".

Elkhereiji também reiterou o apoio do Reino às negociações de reconciliação entre a Somália e a Etiópia na Turquia, chamando-as de um primeiro passo para a paz entre as duas nações. Ele disse que o acordo reflecte um desejo genuíno de superar as tensões e construir um futuro de segurança, estabilidade e desenvolvimento conjunto para ambas as nações e para a organização em geral.

Elkhereiji condenou os ataques destinados a desestabilizar a Somália e perturbar a unidade nacional. Ele enfatizou a necessidade de esforços colectivos para combater o extremismo, que ameaça a segurança do Estado, a coexistência pacífica e o desenvolvimento sustentável.

Elkhereiji também elogiou a Somália por garantir um assento não permanente no Conselho de Segurança da ONU para 2025-2026. Ele descreveu isso como um importante marco diplomático que reflecte a crescente confiança internacional no papel da Somália na promoção da paz e segurança globais. **Fonte-Arab News.**

## Banco de Desenvolvimento Social apoia criativos locais por meio de iniciativa artística



**Um homem visita uma mostra de arte ao ar livre na cidade velha, na histórica cidade saudita de Al-Ula.**

O Banco de Desenvolvimento Social do Reino da Arábia Saudita lançou o evento Art Bank 7 como parte da segunda fase da iniciativa Art Bank, que convida uma ampla gama de artistas visuais sauditas e criadores independentes para mostrar seu trabalho e competir por contratos de aquisição.

Este programa não apenas enriquece a paisagem cultural do Reino, mas também fortalece a economia criativa ao integrar obras de arte originais em sete grandes agências bancárias em todo o Reino, informou ontem a Agência de Imprensa Saudita.

Administrada em conjunto pelo Banco e pela Sociedade de Cultura e Artes do Reino da Arábia Saudita, a iniciativa destaca a dedicação do Reino em nutrir as indústrias criativas e se alinha com a campanha do Ano do Artesanato do Ministério da Cultura, que celebra o artesanato tradicional e capacita os artesãos.

Sultan Al-Hamidi, CEO do Banco, reafirmou a dedicação da instituição em desenvolver os sectores culturais e criativos em três categorias principais: belas artes, artesanato e têxteis.

Ele enfatizou a importância das colaborações institucionais para um impacto duradouro e destacou o foco do Banco em nutrir talentos nacionais por meio de plataformas profissionais de exposição e aquisição, garantindo a viabilidade econômica de artistas e artesãos e, ao mesmo tempo, aumentando sua influência cultural local e internacionalmente.

Khaled Al-Baz, CEO da sociedade, disse que o programa avança a missão da organização de fortalecer o sector criativo nacional e posicionar a expressão artística saudita como parte vital da identidade cultural, apoiando assim o crescimento econômico criativo e as metas de desenvolvimento sustentável.

A primeira fase da iniciativa foi lançada em 2024, reunindo pintores, artesãos, artesãs, artistas têxteis e designers para celebrar a identidade saudita, decorando a sede do Banco em Riade com obras de arte impressionantes que reflectem a herança e a cultura locais.

**Fonte-Arab News.**

## Gêmeas siamesas jamaicanas chegam a Riade para avaliação



As gêmeas siamesas jamaicanas Azaria e Azura chegaram ontem a Riade com seus pais para passar por uma avaliação para sua possível separação médica.

As gêmeas siamesas jamaicanas Azaria e Azura chegaram ontem a Riade com seus pais para serem avaliadas por sua possível separação médica. A avaliação ocorre seguindo uma directriz da liderança do Reino, informou a Agência de Imprensa Saudita. Os gêmeos foram levados para o Hospital Infantil Especializado King Abdullah, conhecido por suas instalações pediátricas avançadas e especialização em gêmeos siameses.

O Dr. Abdullah bin Abdulaziz Al-Rabeeah, supervisor geral do Centro de Ajuda Humanitária e Socorro do Rei Salman e chefe da equipe cirúrgica do Programa de Gêmeos siameses do Reino da Arábia Saudita, destacou a vasta experiência de sua equipe na separação de gêmeos.

Rabeeah também é conselheiro da Corte Real. Sua equipe no início desta semana separou as gêmeas siamesas sírias Celine e Eline em um procedimento de oito horas. Os gêmeos de 17 meses, nascidos em fevereiro do ano passado no Hospital Rafik Hariri de Beirute em um parto triplo, foram unidos no tórax e no abdômen. Seu irmão, Sanad, nasceu separado. Os gêmeos foram evacuados clinicamente para Riade em dezembro de 2024 para receber cuidados especializados em preparação para a cirurgia. **Fonte-Arab News.**

## Centenas de refugiados sudaneses no Cairo aproveitam a chance de voltar para casa de graça

Em uma manhã sufocante de ontem na principal estação ferroviária do Cairo, centenas de famílias sudanesas esperavam, com malas empilhadas a seus pés e crianças, para embarcar em um trem com destino a uma pátria destruída por dois anos de guerra.

A guerra ainda não acabou, mas com o exército tendo recuperado o controle de áreas-chave e a vida no Egito muitas vezes difícil, muitos refugiados decidiram que agora é a hora de voltar para casa. "É uma sensação indescritível", disse Khadija Mohamed Ali, 45 anos, sentada dentro de um dos vagões envelhecidos do trem, com suas cinco filhas alinhadas ao lado dela. "Estou feliz por ver meus vizinhos novamente - minha família, minha rua", disse ela antes de retornar à capital Cartum, ainda se recuperando de um conflito que matou dezenas de milhares e deslocou mais de 14 milhões. Ela estava entre o segundo grupo de refugiados que viajavam sob o programa de retorno voluntário do

Egipto, que oferece transporte gratuito do Cairo a Cartum, a mais de 2.000 quilômetros de distância de trem e ônibus. O primeiro comboio partiu uma semana antes.

O programa é um esforço conjunto entre as Ferrovias Nacionais Egípcias e a empresa estatal de armas do Sudão, Defense Industries System, que está cobrindo o custo total da viagem, incluindo passageiros e viagens de ônibus da cidade de Aswan, no sul do Egito, para a capital sudanesa. O exército sudanês está ansioso para que os refugiados retornem, em parte para reforçar seu controle sobre as áreas recentemente recapturadas e como um passo em direção à normalidade. Todas as segundas-feiras, um trem de terceira classe com ar-condicionado parte do Cairo transportando centenas em uma viagem de 12 horas até Aswan antes de continuarem de ônibus pela fronteira. **Fonte-Reuters.**

## [Holanda vai banir ministros israelenses de extrema-direita por causa de Gaza](#)



O ministro da Segurança Nacional, Itamar Ben-Gvir, e o ministro das Finanças, Bezalel Smotrich, parceiros-chave na coalizão do primeiro-ministro Benjamin Netanyahu, são defensores do movimento de assentamentos israelenses que apoiam a continuação da guerra em Gaza.

A Holanda proibirá a entrada de dois ministros israelenses de extrema-direita no país, na mais recente resposta europeia à rápida deterioração da situação em Gaza, disse o ministro das Relações Exteriores do país. As proibições e outras medidas foram anunciadas em uma carta que o ministro das Relações Exteriores, Caspar Veldkamp, enviou aos legisladores na noite de ontem, declarando que "a guerra em Gaza deve parar". A proibição tem como alvo o ministro da Segurança Nacional, Itamar Ben-Gvir, e o ministro das Finanças, Bezalel Smotrich, parceiros-chave na coalizão do primeiro-ministro Benjamin Netanyahu.

Os dois são campeões do movimento de assentamentos israelenses que apóiam a continuação da guerra em Gaza, facilitando o que eles chamam de emigração voluntária de sua população palestina e a construção de assentamentos judaicos lá. Grã-Bretanha, Austrália, Canadá, Nova Zelândia e Noruega impuseram sanções financeiras aos dois homens no mês passado. Nesta terça-feira, os líderes se reunirão em Bruxelas para discutir uma resposta da União Europeia, incluindo a avaliação de um acordo comercial entre o bloco e Israel. Os Países Baixos querem que parte desse acordo seja suspenso.

Ben-Gvir e Smotrich permaneceram desafiadores. Em um comunicado nas redes sociais, Smotrich disse que os líderes europeus estavam se rendendo às "mentiras do Islão radical" e que os judeus podem não ser capazes de viver com segurança na Europa no futuro.

Ben-Gvir disse que "continuará a agir" e disse que na Europa "um ministro judeu de Israel é indesejado, os terroristas são livres e os judeus são boicotados". A pressão tem aumentado sobre o governo holandês, que está se preparando para as eleições em outubro, para mudar o curso da política israelense. Na semana passada, milhares de pessoas protestaram em estações de trem em todo o país, carregando panelas e frigideiras para significar a escassez de alimentos em Gaza.

O governo também convocará o embaixador israelense na Holanda para exortar Netanyahu a mudar de rumo e "tomar imediatamente medidas que levem a uma melhoria substancial e rápida na situação humanitária em toda a Faixa de Gaza", escreveu Veldkamp. Após pressão internacional, Israel anunciou no fim de semana pausas humanitárias, lançamentos aéreos e outras medidas destinadas a permitir mais ajuda aos palestinos em Gaza. Mas as pessoas dizem que pouco ou nada mudou no terreno. A ONU descreveu isso como um aumento de uma semana da ajuda, e Israel não disse quanto tempo essas últimas medidas durariam. **Fonte-Reuters.**

## **Houthis dizem que mantêm 10 tripulantes de navio operado pela Grécia que afundou no Iêmen**



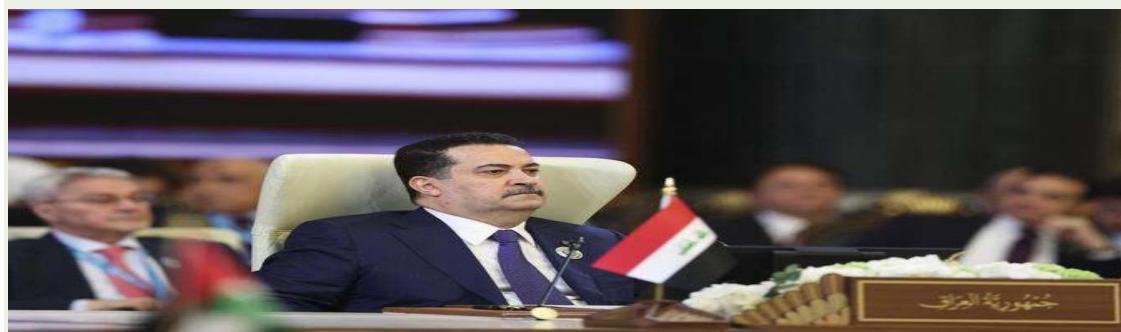
Uma embarcação que se diz ser operada pela Grécia e com bandeira da Libéria afunda em uma filmagem divulgada pelos houthis do Iêmen, no Mar Vermelho, nesta captura de tela tirada de um vídeo divulgado em 9 de julho de 2025.

Os houthis do Iêmen, alinhados ao Irão, disseram ontem que resgataram 10 marítimos do navio de carga grego Eternity C, que atacaram e afundaram no Mar Vermelho no início deste mês. O Eternity C, com bandeira da Libéria, foi o segundo navio a afundar no Iêmen este mês, após repetidos ataques de militantes houthis com drones marítimos e granadas propelidas por foguetes. Outro navio operado pela Grécia, o Magic Seas, havia afundado dias antes. Os ataques aos dois navios marcaram um renascimento dos ataques à navegação pelos houthis, que atingiram mais de 100 navios entre novembro de 2023 e dezembro de 2024, no que eles dizem ser uma demonstração de solidariedade com os palestinos na guerra em Gaza. A tripulação da Eternity C e três guardas armados foram forçados a abandonar o navio após os ataques. Dez pessoas foram resgatadas por uma missão privada, enquanto outras cinco podem ter morrido principalmente devido aos ataques. Acredita-se que outras 10 pessoas estejam detidas por houthis, disseram fontes de segurança marítima à Reuters.

Na segunda-feira, o grupo Houthis divulgou um vídeo de seis minutos mostrando fotos dos 10 marítimos, com alguns deles entrando em contacto com suas famílias. Eles também mostraram testemunhos dizendo que os membros da tripulação não estavam

cientes de uma proibição marítima dos houthis contra navios que navegavam para portos israelenses. Eles disseram que a embarcação estava indo para o porto de Eilat, em Israel, para carregar fertilizantes. A Reuters não pôde verificar de forma independente as imagens. No que chamaram de fase quatro de suas operações militares, os houthis disseram no passado domingo que teriam como alvo quaisquer navios pertencentes a empresas que façam negócios com portos israelenses, independentemente de suas nacionalidades. Após os recentes ataques, a Grécia disse que enviaria um navio de resgate no Mar Vermelho para ajudar em acidentes marítimos e proteger os marítimos e o transporte marítimo global. **Fonte-Reuters.**

## **Primeiro-ministro do Iraque busca laços mais estreitos com os EUA enquanto mantém grupos armados à distância**



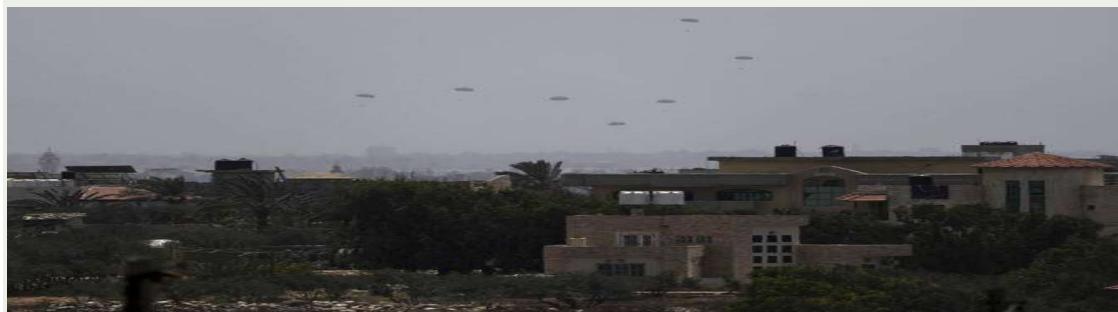
Em entrevista à Associated Press, Al-Sudani explicou por que quer se aproximar do governo Trump.

O primeiro-ministro do Iraque manteve seu país à margem enquanto os conflitos militares se alastravam nas proximidades há quase dois anos. Isso exigiu equilibrar as relações do Iraque com dois países vitais para seu poder e inimigos entre si: os EUA e o Irão.

A façanha tornou-se especialmente difícil no mês passado, quando a guerra eclodiu entre Israel, um aliado dos EUA, e o Irão - e os EUA atingiram instalações nucleares iranianas. Mohammed Shia Al-Sudani disse que usou uma mistura de pressão política e militar para impedir que grupos armados alinhados com o Irão entrassem na briga. Em uma entrevista exclusiva à Associated Press, Al-Sudani explica como fez isso, como planeja manter esses grupos sob controle daqui para frente e - enquanto busca um segundo mandato - por que deseja se aproximar do governo Trump, mesmo mantendo fortes laços com partidos políticos apoiados pelo Irão que ajudaram a impulsioná-lo ao poder em 2022.

Depois que Israel lançou ataques aéreos contra o Irão e respondeu disparando mísseis contra Tel Aviv, grupos armados no Iraque tentaram lançar mísseis e drones em direção a Israel e em bases no Iraque que abrigavam tropas americanas, disse Al-Sudani. Mas eles foram frustrados 29 vezes por "operações de segurança" do governo iraquiano que ele não detalhou. "Sabemos que o governo (israelense) tinha uma política - e ainda tem - de expandir a guerra na região", disse Al-Sudani. "Portanto, nos certificamos de não dar nenhuma justificativa a nenhuma parte para atacar o Iraque." Al-Sudani disse que seu governo também estendeu a mão aos líderes do Irão "para exortá-los à calma e abrir espaço para o diálogo e um retorno às negociações". **Fonte-Reuters.**

## França enviará ajuda aérea a Gaza



A ajuda humanitária é lançada por via aérea para os palestinos no centro da Faixa de Gaza na terça-feira, 29 de julho de 2025.

A França lançará ajuda por via aérea em Gaza "nos próximos dias", disse ontem uma fonte diplomática, enquanto especialistas apoiados pela Organização das Nações Unidas (ONU) alertaram que o território palestino bloqueado por Israel está entrando em fome. "A França realizará lançamentos aéreos nos próximos dias para atender às necessidades mais essenciais e urgentes da população civil em Gaza", disse a fonte, pedindo também "uma abertura imediata por Israel dos pontos de passagem terrestre".

**Fonte-Reuters.**

## O que Netanyahu mais teme em Gaza



ABDULRAHMAN AL-RASHED

29 de julho de 2025



O que o primeiro-ministro Benjamin Netanyahu mais teme é o estabelecimento de um Estado palestino.

A guerra em Gaza, com todos os seus horrores, está se aproximando do fim de seu segundo ano, tornando-se o confronto mais longo e mortal da história do conflito árabe-israelense. Por que a guerra de Gaza durou tanto tempo?

Alguns acreditam que Israel teme pelos reféns restantes. Outros acham que ele quer evitar mais perdas entre suas tropas. E alguns o veem como incapaz de eliminar o que resta do Hamas.

Na minha opinião, Israel não quer acabar com a guerra, excepto em seus próprios termos - impedindo o retorno da Autoridade Palestina para governar a Faixa de Gaza. Para prolongar a crise, usará todas as armas que lhe restam, da fome ao deslocamento. Em suma, o que o primeiro-ministro Benjamin Netanyahu mais teme é o estabelecimento de um Estado palestino.

Washington tem uma solução prática para parar a guerra: o Hamas deixa Gaza e Israel interrompe sua campanha militar. Mas nem o Hamas nem Israel estão dispostos a aceitar isso.

Israel, em particular, como parte mais forte, se recusa a eliminar o Hamas se o preço for o retorno da Autoridade Palestina. Netanyahu e sua equipe estão convencidos de que a Autoridade Palestina representa uma ameaça maior a Israel do que o Hamas. O Hamas não tem legitimidade internacional e representa tudo o que aterroriza a maior parte do mundo - até mesmo o mundo árabe. É um grupo militante e extremista ideológico.

Enquanto isso, a Autoridade Palestina é reconhecida pela ONU como o representante legítimo do povo palestino. Se recuperar o controle de Gaza, marcaria o caminho para um Estado palestino.

Apesar de tudo o que o Hamas fez – incluindo os ataques de 7 de outubro de 2023 – ele permanece, aos olhos de Israel, apenas um "grupo terrorista" que pode ser tratado da mesma forma que outros países lidam com grupos semelhantes.

Netanyahu acredita que seria tolice destruir o Hamas apenas para recompensar a Autoridade Palestina com o controle de Gaza, permitindo que ela emergisse como a vencedora dessas guerras e criasse um estado palestino de facto. Netanyahu trabalhou pessoalmente para evitar esse cenário, promovendo uma relação simbiótica com o Hamas desde os primeiros dias de seu governo, capacitando o grupo a governar Gaza.

Netanyahu é corrupto e oportunista, mas não um tolo. Ele entende que entregar as chaves de Gaza a Ramallah significaria automaticamente que a contagem regressiva para a criação de um Estado palestino havia começado.

Depois de suas vitórias rápidas e deslumbrantes sobre o Hezbollah, Bashar Assad e Irão, Netanyahu agora enfrenta um acerto de contas semelhante ao momento pós-Guerra do Golfo em 1991. Naquela época, a coalizão EUA-Golfo derrotou Saddam Hussein, libertou o Kuwait e eliminou uma grande ameaça a Israel. Em seguida, exigiu um preço: uma solução para a questão palestina.

Nesse mesmo ano, a Conferência de Madrid foi realizada apesar da relutância do primeiro-ministro israelense Yitzhak Shamir. Ele finalmente aceitou, abrindo caminho para os Acordos de Oslo posteriores, que pela primeira vez permitiram que os palestinos retornassem do exílio.

Netanyahu conhece essa história e teme que suas próprias vitórias possam "desviar" para o estabelecimento de um Estado palestino.

Na prática, Israel – tendo destruído o Hezbollah e rastreado seu líder Hassan Nasrallah na clandestinidade – poderia fazer o mesmo com o Hamas. Como vimos, Israel não se

intimida com as baixas entre os seus soldados, os seus reféns não são uma prioridade máxima e, certamente, a escala das mortes palestinianas não é motivo de preocupação. Dos 251 reféns originais, apenas cerca de 23 permanecem vivos em cativeiro.

Hoje, as negociações do enviado americano chegaram a um estágio avançado para acabar com a tragédia em Gaza, garantir a libertação dos reféns restantes - cerca de 50, vivos ou mortos - e desarmar o Hamas. No entanto, a principal preocupação de Netanyahu continua sendo o retorno da Autoridade Palestina para governar Gaza.

Mesmo sem um acordo do enviado, Netanyahu poderia acabar com a guerra eliminando as forças remanescentes do Hamas. Ele provou estar disposto a aceitar mais baixas, como fez em guerras paralelas. Ele arriscou a segurança de seu povo abrindo frentes com o Hezbollah, o Irão e os houthis, e está preparado para assumir riscos e aceitar perdas em um confronto final com o Hamas.

Então, por que Netanyahu não acaba com a guerra?

À medida que o conflito se aproxima de uma possível resolução nos próximos dois meses, acredito que seu dilema está em encontrar um acordo que impeça o surgimento de um Estado palestino. O que o impede de encerrar a guerra de Gaza não é a preocupação com o aumento das baixas israelenses ou mesmo com a perda de seu papel como primeiro-ministro, especialmente porque Donald Trump está trabalhando abertamente para protegê-lo da responsabilidade e ajudá-lo a permanecer no poder.

De uma perspectiva estratégica, a questão vai além dos eventos actuais: Israel não quer que a Autoridade Palestina retorne a Gaza e a uma a Ramallah – mesmo que isso signifique restabelecer o Hamas ou entregar Gaza a Ibrahim Al-Arjani para administrá-la.

**Abdulrahman Al-Rashed** é um jornalista e intelectual saudita. Ele é o ex-gerente geral do canal de notícias Al-Arabiya e ex-editor-chefe do Asharq Al-Awsat, onde este artigo foi publicado originalmente. X: [@aalrashed](https://twitter.com/aalrashed)

**Isenção de responsabilidade:** A opinião expressa pelo escritor nesta sessão é própria e não reflecte necessariamente o ponto de vista do **Arab News**.

